

REVISTA ADVENTISTA



ANO XXIV

N.º 200

O movimento por um Mundo melhor

A. Casaca

Já é lugar comum o dizer-se em todos os tons, em todas as longitudes e latitudes que nos encontramos numa encruzilhada histórica, sobremaneira difícil e crítica.

Por toda a parte se verifica a «angústia das nações», de que nos falou o Salvador e que é, como muito bem sabemos, um dos sinais premonitórios da Sua gloriosa e iminente Vinda.

Ora, é precisamente, perante essa tremenda «angústia», essa indizível aflição dos últimos tempos que os corações bem formados palpítam pelo desejo de alcançar um Mundo Melhor que liberte a pobre humanidade da atmosfera de pavor em que dificilmente respira e se vai asfixiando, lentamente, suspirando, sempre, por esse tal Mundo Melhor.

Os arautos deste Movimento por um Mundo Melhor procuram estabelecer e intensificar uma corrente de ideias que implica uma reforma individual e colectiva de todas as mentalidades, estruturando, assim, a unidade circulante da Verdade, do Bem e do Amor, entre as diversas forças da Igreja.

Preconizam, ainda, esses arautos «um poderoso despertar de pensamentos e acção, numa racional e orgânica mobilização de todas as forças para a renovação total da vida cristã, a defesa dos valores sociais, a actuação da justiça social, a reconstrução da ordem cristã.»

Salientam os mesmos arautos do Movimento por um Mundo Melhor, que o «mundo será melhor na medida em que houver mais homens em graça e mais graça nos homens, mais relações sociais na verdade e na caridade; mais circulação de bens entre os homens irmãos e membros do Corpo Místico de Cristo, mais organizações da cidade — política, direito, económica, escola, divertimentos, etc. — ao serviço dos homens, filhos

de Deus, de tal forma que, actuando nessas mesmas estruturas sociais, possam crescer individual e colectivamente como família divina a caminho do Céu; ou, como recentemente proclamou a maior autoridade eclesiástica: «Devemos construir, devemos andar em frente, lançando os fundamentos de uma nova era, mais sã, mais justa, mais generosa».

Todos os dirigentes religiosos, e de todas as denominações reconhecem a necessidade de se construir, de se fomentar um Mundo Melhor.

As dificuldades vão surgir — infelizmente, como sempre — quando se trata de determinar o que se entende por esse Mundo Melhor.

O pensamento de Jesus

Na última ceia que teve com os Apóstolos, Jesus disse claramente: «Na casa de meu Pai há muitas moradas; se não fosse assim, eu vo-lo teria dito; vou preparar-vos lugar. E, se eu for, e vos preparar lugar, virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.» (João 14:2-3).

Bem sabemos que esta nossa vida terrena é para nós, crentes, como de resto, também para todos os outros homens, uma simples passagem, em demanda da verdadeira Pátria. Aqui nos encontramos como peregrinos, atravessando o deserto desta vida, por vezes, bem árido, bem difícil, bem tormentoso.

Ora, aquelas palavras do Salvador — a sua promessa de que há-de voltar, formaram o elemento essencial da esperança da Igreja cristã primitiva, que se agarrou a esta promessa com tanto mais ardor, quanto acreditava, que a Volta de Jesus estava iminente. Enganou-se, porém,

(Continua na pág. 7)

EDITORIAL

SUMÁRIO

O movimento por um Mundo melhor
Editorial
O Dia do Espírito de Profecia
A pregação Laica
A Juventude e a sua parte no futuro da Obra
A Obra dos Leigos na Acção da Igreja
Notícias do Campo
O Poder da Oração
A República mais nova no Norte de África
O Auxiliar da Escola Sabatina

MAIO DE 1963

ANO XXIV N.º 200

DIRECTOR E EDITOR:

A. J. S. CASACA

ADMINISTRADOR:

P. BRITO RIBEIRO

CORPO DE REDACÇÃO:

A. CASACA, E. FERREIRA,
F. CORDAS, F. MENDES,
M. LARANJEIRA E P. RIBEIRO

PROPRIETÁRIA: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Redacção e Administração:

R. JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 - LISBOA

Composição e Impressão:

SOCIEDADE TIPOGRÁFICA, LIMITADA
Rua de D. Estefânia, 195-A — LISBOA

Número avulso 3\$00

Assinatura anual 30\$00

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Prezados Irmãos:

Entrámos, já, com a graça de Deus no segundo Trimestre deste ano corrente. Temos bastos motivos para dar graças a Deus por tantos e tão assinalados favores que se dignou dispensar-nos durante o primeiro trimestre.

Mas é necessário nunca descurar, nomeadamente, a oração — esse maravilhoso canal que nos põe em contacto, sempre, e em todo o lugar, com o nosso Pai Celestial. Bem sabemos que por nós mesmos nada podemos fazer. Por isso, mais que nunca temos de nos apegar ao nosso dilecto Salvador, porque só Ele é que nos pode valer e socorrer, em todos os transes da nossa vida.

A Campanha das Missões

É com muito justificada alegria que vos comunicamos que, pelas notícias que vamos recebendo das nossas várias igrejas, a CAMPANHA DAS MISSÕES está sendo ricamente abençoada.

Apesar das dificuldades que Satanás procura, todos os anos, levantar, mediante subtilezas de toda a ordem e empecilhos de toda a espécie, a verdade é que as suas armadilhas vão sendo desfeitas, graças à protecção especialíssima que o Senhor nosso Deus concede aos seus filhos.

É necessário aproveitarmos ao máximo, todas as oportunidades, tanto mais que se vai aproximando o tempo em que Satanás vai imperar.

Todos temos de fazer algo neste trabalho que o Senhor nos proporciona. Todos, repito, porque há trabalho para todos e para cada um de nós.

Uns irão vender as Revistas; outros poderão acompanhar os primeiros para lhes comunicar o calor da sua presença, encorajando-os. Outros poderão animar os que trabalham activamente, dirigindo-lhes, oportunamente, não só palavras de

ânimo, mas também de simpatia e amizade cristãs. E todos, finalmente, podemos orar para que Deus se digne abençoar este tão nobre e difícil trabalho.

Que o Senhor nos abençoe e lembremos, mais uma vez, que talvez seja esta a nossa última CAMPANHA DAS MISSÕES.

Dia do Espírito de Profecia

É no Sábado, 18 do corrente mês de Maio que recordamos, de maneira especial o *Dia do Espírito de Profecia*. É uma boa oportunidade para falarmos aos nossos Irmãos e Irmãs na Fé — em primeiro lugar — e depois aos nossos conhecidos e amigos, na excelência dos livros da Irmã White. Escreveu ela, podemos dizer, a contento e segundo o agrado de todos, porque assim foi inspirada.

Façamos também nós o propósito de adquirirmos, hoje mesmo, pelo menos mais um dos livros do Espírito de Profecia.

Exames

Este terceiro período do ano escolar indica, desde já, que nos vamos aproximando da época dos exames. Que os pais não descurem este ponto importante na vida dos seus filhos — que andam nos estudos. Um ano escolar perdido pode representar uma grande e quase irreparável perda.

Se, até aqui, houve alguns descuidos na aplicação é já agora o momento de procurar remir o tempo desperdiçado.

Que Deus abençoe os estudos dos nossos filhos para contento de todos, nomeadamente das nossas igrejas que tanto necessitam de jovens que se preparem, o melhor possível para serem os futuros arautos da Mensagem.

A. Casaca

O Dia do Espírito de Profecia

A. Casaca

É no Sábado, 18 do corrente, que a Igreja comemora, neste ano, o DIA DE PROFECIA.

Mais uma vez interessa recordar o papel importantíssimo que a Irmã White desempenhou na Igreja, durante os setenta anos que consagrou à pregação, à publicação de obras e à oração a favor da causa que ela tanto amava. Por isso os frutos dos dons com que Deus a enriqueceu atraíram a bênção divina sobre a Denominação.

Mas, que é, afinal o Dom do Espírito de Profecia?

Podemos dizer que o dom de profecia é a infalível, autorizada voz de Deus, neste mundo.

Como se sabe, o vocábulo profeta pode significar: 1.º — O que fala em nome de Deus; 2.º — o que revela o futuro. Em qualquer destes dois sentidos, o profeta é sempre aquela pessoa que escolhida por Deus se apresenta em seu nome, falando, portanto, as palavras que Deus lhe inspira e, de acordo com a vontade de Deus, transmitindo aos homens a mensagem divina. É claro que o profeta se apresenta, então, com o excelso e inefável dom da infalibilidade. Mas diga-se, desde já, que tal infalibilidade não pertence ao profeta ou à profetisa que apresenta a mensagem, mas tão somente à própria mensagem que o profeta apresenta. Por isso, não acreditamos, nem temos de acreditar em homens ou mulheres infalíveis — porque infalível é só Deus — mas acreditamos, sim na infalibilidade da mensagem que o profeta transmite da parte de Deus infalível.

O termo hebraico Nabhi — profeta — significa: «o que fala em vez de outro» ou «porta-voz». Portanto, profeta de Deus o que fala em nome de Deus, é o porta-voz de Deus. Recordemos a maneira característica como os profetas anunciavam a sua mensagem: «Veio a mim a palavra do Senhor», ou sim-

plesmente: «Assim diz o Senhor». Por isso, nunca o profeta poderia apresentar a mensagem de Deus, como se fosse dele próprio.

Pode levantar-se neste ponto, a questão que se estende, de resto, à redacção da Sagrada Escritura e que diz respeito à inspiração.

Efectivamente, por vezes levanta-se a dificuldade tirada dos estilos diferentes que apresentam os livros da Palavra Divina, dizendo-se que não deviam ser diferentes, uma vez que todos eles são igualmente inspirados por Deus.

Mas é necessário não esquecer que a inspiração não retira ao escritor sagrado ou ao profeta as suas faculdades naturais, revestidas de conhecimentos vários, conforme o grau de cultura de cada um.

Por isso, embora todos os escritores sagrados — os hagiógrafos — sejam igualmente inspirados; embora todos os profetas falem em nome de Deus, a verdade é que tanto a escrita como a Mensagem é, depois, apresentada, conforme o estilo literário próprio de cada um deles.

Por isso podemos distinguir o estilo dos vários escritores sagrados e dizer mesmo que um é mais fluente que outro; este é mais acessível que aquele; Paulo emprega um grego mais correcto do que Pedro; Lucas denota mais conhecimentos de ordem médica do que Marcos, etc. Tudo isto, porque cada um dos escritores transmite a mensagem divina através dos seus próprios conhecimentos.

Deus providenciou na sua divina bondade que nunca faltassem ao homem as luzes necessárias para este poder conhecer a verdade, assim como a vontade divina para finalmente viver de acordo com o plano de Deus.

«A Palavra de Deus é suficiente para dissipar as trevas mais espessas. É inteligível para os que a desejam compreender. Não faltam,

porém, pessoas que professando fazer da Palavra de Deus o objecto dos seus estudos, calcam aos pés os seus mais claros e preciosos ensinamentos. Para que ninguém seja excusável, Deus dá-lhes testemunhos directos para os reconduzir à Palavra, cujos ensinamentos menosprezam» (Testemunhos, vol. 2, p. 158).

Esta declaração da Irmã White mostra-nos o apreço que ela tinha à Sagrada Escritura. Referindo-se, posteriormente a uma parte das suas Obras, precisamente TESTEMUNHOS, escreve assim: «Não há nenhuma verdade adicional, mas por intermédio dos Testemunhos, Deus simplificou as grandes verdades já dadas e expô-las aos seus filhos, de maneira que Ele próprio escolheu, para que lhes despertem o espírito, os impressionem, de modo que nenhum tenha desculpa». (Testemunhos vol. 2 p. 605).

Já podemos, agora, responder à pergunta inicial: Que é o Espírito de Profecia?

É a manifestação do Dom de Profecia, dom este que Deus concedeu à sua Igreja. Cumprindo a profecia de Apocalipse 12:17 o magnífico Dom de Profecia foi restaurado, manifestando-se, novamente, entre o povo de Deus. Foi ele desconhecido, durante séculos, durante a apostasia na igreja; mas foi dado, agora, à Igreja Remanescente, à igreja que «guarda os Mandamentos de Deus» e, consequentemente, «tem o testemunho de Jesus Cristo», o qual é o «espírito de profecia».

O dom de profecia foi reconhecido e manifestado na igreja cristã, nos tempos apostólicos e subsequentes; à medida, porém, que a apostasia foi minando e entrando na igreja, aquele dom foi desaparecendo até que densas trevas envolveram a igreja apóstata. A Reforma começou a obra de reconduzir a

(Continua na pág. 12)

A Prêgação Laica

E. W. Petersen

Secretário da Divisão Norte-Europeia

No princípio, o Cristianismo brilhava em todo o seu fulgor — a sua doutrina era pura, o seu poder dinâmico e as suas obras poderosas. E era, inegavelmente, um movimento do povo, um movimento dos leigos.

Os homens que Jesus reuniu em torno de si, tornando-os nos seus mais íntimos associados, era um conjunto mesclado de indivíduos sem educação, provindo dos ambientes mais vulgares. Eram leigos. Os setenta, que o Senhor chamou e doutrinou, confiou um mandato e revestiu de poder e, finalmente, enviou a prêgar, eram leigos (Lucas 10). Contudo, aqueles leigos «encheram Jerusalém com a sua doutrina» (Actos 5); e a sua prêgação que perturbou as pessoas instruídas daquele tempo, que eram os sacerdotes, era uma prêgação laica.

Os crentes que estavam «dispersos» e que «iam de lugar em lugar, anunciando a boa nova» (Actos 8) eram leigos.

Dois prêgadores leigos itinerantes, dos quais um era um artífice, foram acusados de terem perturbado o mundo com a sua prêgação. (Actos 17).

Assim, a noção da prêgação que dá o Novo Testamento é, primordial e, essencialmente da prêgação laica. As prerrogativas reais de prêgar a Palavra, enquanto iguais e associados num sacerdócio, que aceita todos os crentes sem distinção, nem aceita discriminações, são concedidas a todos quantos reconhecem Jesus de Nazaré como seu senhor e seu Mestre. «Vós, porém, não queirais ser chamados Rabi, porque um só é o vosso Mestre; — e todos vós sois irmãos» (Mateus 23:8). «Vós sois ... um sacerdócio real» (I Pedro 2:9).

O mandato divino «ide e prêgai» é a sua credencial; o Espírito

Santo reforça-a com a sua autoridade. Tão grande foi a piedade e o zelo destes prêgadores leigos e tão poderosa a sua prêgação que o nome de Jesus foi, em trinta anos, proclamado em todo o mundo conhecido de então.

Declínio da prêgação laica

O declínio da indiferença e a profunda obscuridade da apostasia geral em que se estenderam, nos séculos seguintes, foram as consequências naturais do abandono, pelos homens da «fé que uma vez foi transmitida aos santos», e dos métodos indicados por Deus para se travar uma luta ardente. Levantaram-se homens cheios de pensamentos arrogantes e «falando de uma maneira perversa», que chegaram, pouco a pouco, a estabelecer-se como senhores dos seus irmãos e que se arrogaram o monopólio da prêgação.

Os mais sombrios capítulos da história humana foram escritos pelo clero e pelos poderes eclesiásticos que se alcançaram a si mesmos como mestres naqueles séculos em que relegaram os leigos para o esquecimento, em que lhes roubaram os seus direitos e os seus deveres espirituais, e onde lhes denegaram as suas obrigações sagradas como ministros do «sacerdócio real». A prêgação laica tornou-se um crime punível de morte e a cristandade mergulhou nas sombras da corrupção, da maldade e do sangue.

Mas o plano eterno do Senhor não pode ser mudado pelo homem pecador. O moíno de Deus vai moendo docemente, mas também muito finamente.

Ia despontar o dia em que a luz do Evangelho iria brilhar, uma vez mais no seu esplendor e na sua glória primitiva, e em que os leigos

iriam participar, de novo, na proclamação do nome de Jesus até os confins da terra.

O renascimento, no século dezanove, do puro Cristianismo de que, nós hoje, somos herdeiros, era, antes de mais, um movimento laico. Os pioneiros da Mensagem Adventista eram, sobretudo, oriundos do povo — o género de homens que Deus podia empregar para cumprir o seu propósito. Embora tenha havido notáveis excepções «a mensagem era prêgada quase exclusivamente pelos leigos». (*Conflito*, p. 418). Tiveram uma visão da conquista do mundo. Foi por meio de um sacerdócio restaurado de todos os crentes, cheios de entusiasmo, de devoção e de fervor apostólicos que ela se devia realizar.

«Todas as almas salvas por Jesus são chamadas a trabalhar em seu nome para a salvação dos perdidos». — *Serviço Cristão*, p. 10.

Quem é que é chamado a tornar-se um prêgador leigo? Embora no sentido mais lato da palavra todos os que professam a verdade sejam prêgadores vivos, a definição do nosso departamento especifica que a prêgação laica é um campo especial missionário que exige «meios e dons». Ao mesmo tempo, a experiência tem mostrado de maneira convincente que o dom da prêgação está muito mais espalhado do que geralmente se pensa. Em muitas pessoas deve ele ser simplesmente descoberto, encorajado e desenvolvido. É-nos revelado que Deus tem hoje na sua Igreja, para a prêgação laica, um potencial poderoso, que ainda não foi utilizado.

«Citaram-me — diz a Irmã White — como um exemplo da prêgação da verdade ao mundo, com clareza e poder.» — *Medical Ministry*, p. 305.

«Serão retirados homens de detrás da charrua, na sua vinha, ocupados noutras actividades, e enviados pelo Senhor para levarem esta mensagem ao mundo.» — *Testemunhos*, vol. VII, p. 270, 271.

Trata-se de pregadores leigos!

E quando é que esta visão se transformará numa realidade viva?

No fim da história desta terra, isto é, agora.

Em certos campos da Divisão, temos pregadores leigos, aos milhares, que estão ganhando milhares de almas preciosas, todos os anos. Por que é que não os temos, por toda a parte, e em quantidade proporcionada ao número dos nossos membros?

Será porque os leigos do nosso mundo ocidental tenham menos dons ou menos possibilidades para a pregação que os nossos irmãos leigos de outras partes?

Será porque Deus é capaz de dar, por intermédio dos nossos leigos da América do Norte ou da Europa o que pode dar, e dá, por intermédio dos nossos leigos da América Central, da América do Sul, da África, da Ásia e da Austrália?

Temos nós, aqui, menos amor por Deus e pelos homens, ou estamos mais preocupados com os nossos negócios, à custa dos interesses do Pai Celestial?

Talvez que este estado de coisas possa ser mudado por uma visão mais clara, por encorajamentos apropriados e por uma ajuda oportuna. Talvez haja, entre nós, quem sofra de excesso de prudência, embora seja excelente sob outros pontos de vista! Mas tal atitude já era condenada há uns sessenta anos, por esta advertência:

«Deus não ordenou a nenhum empregado ou pastor da Federação que manifeste desconfiança para com a faculdade divina de utilizar todos os membros apreciáveis da Igreja. Esta prudência, assim se lhe chama, retarda quase todos os ramos da Obra do Senhor... Possa ela desaparecer, essa prudência, não santificada, desconfiada... Se os pastores e os homens influentes não quiserem barrar o caminho e deixar que o Espírito de Deus actue nos nossos irmãos leigos, Deus indicar-

-lhes-á o que devem fazer para honrar o Seu nome. Que os homens tenham a liberdade de espalhar o que o Espírito Santo lhes comunica. Não entrem homens humildes que Deus quer utilizar.» Ellen G. White, *Review and Herald*, 9 Julho de 1895.

Este aviso severo dirige-se, apenas, aos que o merecem. Do que todos temos necessidade, é de nos darmos mais claramente conta da grande obra que temos de realizar no domínio da pregação leiga.

Condições necessárias para se tornar pregador leigo

Em resumo, e em geral, certas qualificações fundamentais, espirituais, mentais e técnicas são exigidas para a pregação leiga, como, de resto, para outras formas de evangelização bíblica, acrescidas, além disso, com o dom de falar em público. Ora este dom não é assim tão raro, como muitas pessoas estão inclinadas a julgar.

Alguns dos maiores oradores do mundo começaram com maior ambição e coragem, do que com talento e, não obstante, tornaram-se mestres na arte de dizer, graças à prática e à perseverança.

Deus, porém, não procura oradores. Procura, sim, humildes discípulos de Jesus que lhe permitirão que toque os lábios com o carvão ardente do altar celeste.

Os pregadores leigos, como os pastores, não são logo perfeitos, de começo; têm necessidade de serem afeiçoados, formados, desenvolvidos por Deus e pelos homens.

Um pastor consciente das suas responsabilidades esforça-se por descobrir e formar pregadores leigos. Deve ter sabedoria para orientar para esta actividade, apenas aquelas pessoas que já saibam dar um bom estudo bíblico, dirigir uma reunião numa família, de maneira inteligente, convincente e frutuosa. Deve advertir que «a cultura e o uso da palavra têm a sua importância em todos os ramos da actividade cristã», e que a pregação leiga «se deve esforçar por cultivar o dom da palavra». — *Pa-*

rábolas, pág. 343, 342. Mas também reconhece que a perfeição é um termo relativo. Ensinará, por isso, a falar em público para que se cumpram as condições exigidas a um pregador leigo.

A experiência de Moisés é um encorajamento para os leigos que Deus chama a pregar a Mensagem, na nossa época. Durante quarenta anos, exercera ele uma actividade laica, quando ouviu o apelo do Senhor: «Vem, agora, pois, e Eu te enviarei...».

A sua objecção: «Eu não sou homem eloquente... porque sou pesado de boca, e pesado de língua», foi desfeita porque era uma pobre desculpa; disse-lhe Deus: «Quem fez a boca do homem?... Não sou eu, o Senhor? Vai, pois, agora e eu serei com a tua boca, e te ensinarei o que hás-de falar.» (Êxodo 4:10-12).

O esforço de evangelização do pregador leigo

Quando um pregador leigo pense em lançar uma campanha de evangelização pública, deve expor os seus planos aos seus colaboradores eventuais, ao pastor e ao director da Sociedade Missionária e agir de acordo com todos eles. Nenhum pregador leigo deverá agir só por si, excepto se se encontrar num lugar em que não tenha mais ninguém para convidar ou para se aconselhar. Em todos os outros casos, deve esforçar-se por ter a cooperação de toda a igreja. Tem de preparar tudo, com cuidado para conseguir uma campanha coroada de êxito. Mas convém fazer as coisas com muita simplicidade, principalmente, quando principia a trabalhar.

A importância da pregação pública dos leigos foi sublinhada pela Conferência Geral. No Conselho de Outono de 1961, foi recomendado que os leigos capazes sejam postos de parte, instruídos para se tornarem pregadores leigos e encorajados a dirigir pequenas campanhas de evangelização públicas nas cidades e nas aldeias, onde

(Continua na pág. 7)

A JUVENTUDE E A SUA PARTE NO FUTURO DA OBRA

É comum dizer-se que o futuro da Pátria depende da sua juventude. Por analogia, também podemos dizer que o futuro do Movimento Adventista em Portugal, como em qualquer parte do mundo, depende, depois do Senhor da Seara, da juventude de nossas igrejas.

De onde não-de sair os nossos líderes religiosos, os nossos professores, jornalistas, teólogos, escritores, pastores, médicos, enfermeiros, missionários, etc.? A semente produtora de todos esses elementos é a juventude vigorosa e idealista que povoa nossas igrejas.

E como pode um jovem contribuir para o futuro da Causa de Deus?

I — Preparando-se eficientemente para vencer na vida

Não basta preparar-se. É necessário, porém, que o preparo seja eficiente, seja bem feito. E a razão é clara, estamos na época em que o triunfo não é dos que sabem, apenas, mas dos que sabem bem o que sabem. E o jovem crente, justamente por ser crente, deve saber não apenas o bom, mas sim o melhor, assim como ele é o melhor do ponto de vista moral e espiritual. Não deve, pois, contentar-se com o simples diploma, mas com os elevados e profundos conhecimentos simbolizados pelo diploma.

Assim procedendo o jovem está preparando o seu futuro individual e o da Causa também.

II — Conservando sempre a sua característica religiosa

O que caracteriza o sal e a luz é que eles, de mistura com todos os demais elementos da natureza, não perdem as suas virtudes, os seus efeitos e influência. Sabemos imediatamente onde anda o sal e onde está a luz. A falta de qual-

quer delas é logo percebida pelo nosso paladar, quando comemos, ou pela nossa visão, quando olhamos. Ora, Jesus disse: «Vós sois o sal da terra e a luz do mundo.» Onde quer que esteja um jovem Adventista, não obstante o verdor dos seus anos e a força da sua mocidade, deve conservar sempre o seu sabor cristão e o seu brilho evangélico, sem fanatismo nem afronta aos de outro credo religioso.

Falando há dias com o encarregado de uma grande empresa, ele me afirmou estar satisfeito com o trabalho de um jovem Adventista, pela sua honestidade em tudo e o elevado senso do dever e da responsabilidade que o caracteriza em geral. Assim vivendo o Evangelho, nada teremos que temer para o futuro, porque este estará espiritualmente assegurado pelo bom testemunho da juventude.

III — Colocando Cristo em primeiro lugar em seus planos

Jesus é a nossa suprema razão de ser e de existir. Ele é o princípio e o fim de toda a vida que se consagra a Deus. Por esta razão não há êxito digno e vitória permanente na vida do crente, sem Jesus. Todo e qualquer plano, toda e qualquer transacção, toda e qualquer carreira para cujo êxito e triunfo seja exigido o afastamento dos princípios do Evangelho ou a negação de Jesus, não são dignos do jovem crente em quem se deposita a esperança do futuro da Causa de Deus. «Buscai primeiro o reino

de Deus e a sua justiça, e todas as coisas vos serão acrescentadas.»

A graça de Jesus é o melhor e maior bem que enriquece e dignifica qualquer vida humana por mais elevada que esteja no cenário humano. Lede atentamente a estrofe deste hino:

Jesus é tudo para mim:

Leal eu Lhe serei!

Ele é amigo tão fiel...

Como eu O negarei?

*Quando ao seu lado, alegre eu vou,
Pois no caminho certo estou,
Sim, com Jesus, tudo reluz!*

Cristo é meu!

IV — Tornando-se membro eficiente da Igreja

Não basta ao jovem ser apenas membro de uma igreja. Deve ser mais que isso. Seu dever é ser membro *eficiente*, isto é, membro activo, operoso, produtivo, frutífero.

A operosidade será a sua vitória e o seu meio de crescimento espiritual. Suas tentações, suas dúvidas, suas fraquezas, inexperiências, preocupações pessoais, problemas íntimos desaparecerão do cenário de sua vida para darem lugar a sentimentos elevados, a ideias sublimes, a perspectivas de vitória, a convicções inabaláveis, a entusiasmo e coragem de testemunhar de Cristo e a indizível alegria de ser crente.

Orientado por estes princípios o jovem será, de facto, o futuro promissor da Causa de Deus. Então, nós, os adultos, nada teremos que temer quanto à continuidade, preservação e definitivo triunfo do Movimento Adventista em Portugal.

F. G. Mendes

O movimento por um Mundo melhor

(Continuação da pág. 1)

quanto a essa iminência, porque o Salvador não podia ter voltado nem na era apostólica, nem durante a Idade Média, nem no início da Reforma, nem na época gloriosa dos nossos Descobrimientos. É que ainda não se haviam cumprido os sinais que Jesus dera como anunciadores da Sua Volta.

Até ao fim do terceiro século a Igreja conservou esta bela esperança que foi o principal factor da expansão do Cristianismo e da piedade dos crentes.

Mas, já no tempo do Apóstolo Pedro se infiltrava a dúvida dos que diziam: «Onde está a promessa da sua vinda?»

E esta bendita esperança começou a arrefecer, a declinar. É com os conhecidos S. Jerónimo e Santo Agostinho que se põe de parte a ideia da Volta de Jesus. Na sua famosa obra «A Cidade de Deus», Santo Agostinho lança a base do programa do domínio universal do papado; para ele, a Volta de Jesus efectuara-se no Pentecostes.

A partir do fim da Idade Média começam a esboçar-se uns tímidos movimentos que pretendem reviver a «bendita esperança» da Volta do Salvador.

Não cabe nos estreitos limites deste artigo apresentar não só o eclipse da «bemaventurada esperança» como também o seu despontar e desenvolvimento.

Graças a Deus que há hoje um povo espalhado por toda a parte que se empenha em proclamar, por todos os meios ao seu alcance essa verdade fundamental do Cristianismo, que é a Volta iminente de Jesus.

Hoje, após tantos séculos de esquecimento, a doutrina de Jesus, prègada pelos Apóstolos acerca da Volta do Salvador, é considerada como uma novidade, para não dizer quase uma excentricidade, porquanto todas as atenções continuam a concentrar-se neste mundo, e na melhor maneira de tornar Melhor este pobre Mundo.

Onde encontraremos esse tal Mundo Melhor, pelo qual todos suspiramos?

Os dirigentes religiosos procuram-no nos meios meramente humanos — decerto com a graça divina — mas esperam encontrá-lo numa santificação da humanidade, quando todos os homens se compenetrassem dos seus deveres de cristãos, vivendo cristãmente, isto é, «como outros Cristos».

De facto, só assim, é que teremos o Mundo Melhor.

Mas nunca será neste pobre mundo! Por mais voltas que se lhe dêem, o mundo nunca deixará de ser... este mundo!...

Só o Salvador é que nos dará o Mundo Melhor que todos desejamos.

Só Ele quando estabelecer o Seu Reino poderá dar a todos os salvos esse Mundo Melhor, que os homens não são capazes de construir.

Temos a promessa de Jesus:

«Vou preparar-vos lugar!... Virei outra vez, e vos levarei para mim mesmo, para que, onde eu estiver, estejais vós também.»

Que o Senhor Jesus venha bem depressa para nos dar a todos esse Mundo Melhor que Ele nos foi preparar e que nos vai dar, quando regressar, em glória, conforme prometeu e nós firmemente esperamos.

A Prègação Laica

(Continuação da pág. 5)

a Mensagem ainda não tenha penetrado. As reuniões poderão ter lugar numa tenda, em salas, em escolas, nas próprias capelas, e até ao ar livre.

«Há, na Providência divina, pe-

ríodos particulares, em que nos devemos erguer para responder ao apelo de Deus e utilizar os nossos meios, o nosso tempo, a nossa inteligência, todo o nosso ser, corpo, alma e espírito, para cum-

prir a sua vontade. Os tempos actuais são um exemplo disto mesmo. Estão em jogo os interesses da causa de Deus.» — *Testemunhos*, vol. VI, p. 469.

Leigo adventista! «Frutifica o dom de Deus que recebeste para a prègação. Está à altura das circunstâncias, do privilégio de servir, da alegria de ganhar almas!»

A Obra dos Leigos

na Acção da Igreja

Jesus Cristo fundou a Igreja fundamentalmente para a realização de três objectivos que passamos a mencionar:

1 — Conservar com o mais soberano cuidado o depósito da Verdade, muito particularmente as Escrituras Canónicas que testemunham dessa mesma Verdade. (1 Tim. 3:15).

2 — Recrutar membros no mundo inteiro, entre todas as nações e todas as classes da sociedade, pela pregação evangélica e o testemunho cristão individual. (Marcos 16:15, 16).

3 — Instruir, formar e educar estes membros para que possam atingir a estatura de Cristo. (Efésios 4:13).

Diante destes princípios objectivos que Jesus estipulou à Sua Igreja e sendo ela constituída pelo conjunto dos seus membros, há necessidade que cada membro chegue a uma conclusão plenamente compreensível de que qualquer que seja a sua capacidade, a sua idade, a sua experiência cristã, ou qualquer outro factor, ele tem uma obra a realizar na Igreja. Partindo desta ordem de idéias da maior importância tanto para a vida da Igreja como para a do crente, chegamos a um determinado estado que nos obriga a considerar e dirigir uma obra a ser efectuada pelos leigos, membros da Igreja, nos limites da acção da Igreja.

Secundando estes pensamentos, extraímos do Espírito de Profecia estas linhas: — «Não devemos jul-

gar que a obra do Evangelho dependa principalmente do ministro. Deus deu a cada um uma obra para fazer em relação com o seu reino. Cada um dos que professa o nome de Cristo, deverá ser obreiro zeloso e desinteressado, decidido a defender os princípios da justiça. Cada pessoa deverá desempenhar parte activa para fomentar a causa do Deus». (Test. Selectos, Vol. 3, pág. 62).

Vejamos agora como se pode desenvolver a obra dos leigos nos três objectivos fundamentais da acção da Igreja.

1) Conservar o depósito da Verdade

É da competência de toda a Igreja zelar pela pureza da Verdade. Temos uma doutrina definida, sustentada pelas Escrituras Sagradas, por um «assim diz o Senhor». A verdade que proclamamos é o conteúdo da vontade de Deus revelada na Sua Palavra. Este sagrado depósito que nos foi confiado deve ser guardado ciosamente, estremeado por cada membro da Igreja.

Acontece que de quando em vez se cumprem entre nós as profecias que indicavam o aparecimento duma acção destrutiva da parte daqueles que falariam coisas vãs, daqueles que torceriam as Escrituras para sua própria perdição, pregando fábulas, discursando acerca da falsamente chamada ciência.

Quando isso acontece raramente o Pastor é o primeiro a ter conhecimento. Esses atentados à Verdade, quer ajuntando-lhe ou diminuindo o que já está proposto, criam as suas raízes muito primei-

ramente pelos bancos da Igreja nas casas dos membros, num ou outro local de encontro. Geralmente é por aí que começam as incursões dos lobos no rebanho de Deus. Surge aí a oportunidade do membro leigo de agir defendendo a Verdade que lhe foi confiada, a ele também.

Aí a ocasião de permanecer firme pela Verdade, testemunhando dela, evitando que o erro se propague, inclusive fazendo esforços para que o seu defensor possa arrepiar caminho e voltar à Verdade. Se o membro leigo reconhece que é incapaz de fazer face às arremetidas contra a Verdade, ele deve tão urgentemente quanto possa, comunicar aos Irmãos responsáveis, sobretudo ao Pastor de sua Igreja, os perigos que o depósito da Verdade está correndo nalguns, para que este, em devido tempo, concentrando as forças da Igreja, possa ir em defesa da Verdade.

Se por acaso um membro leigo julga ver luz em determinados textos escriturísticos, luz essa que a Igreja na sua acção não proclama dum modo tão vincado como ele pensa que deveria ser feito, deve antes de mais, orar a Deus para que o guie de não tropeçar na Palavra e se continuar prosseguindo na mesma idéia, deve dirigir-se ao Pastor da Igreja e juntamente com ele em espírito de humildade e oração, debruçar-se sobre o problema em causa.

Agindo desta forma neste importante aspecto das funções da Igreja pode o irmão leigo realizar uma bela obra para a tranquilidade do Rebanho, para a paz da Igreja e da sua marcha serena a caminho do Lar Celestial.

2) Recrutar membros por toda a parte

Obedecendo ao mandado do Senhor Jesus, a Igreja deve em toda a parte pregar o Evangelho de salvação, recrutar novos membros para a Igreja, levar novas almas aos pés do Senhor. Desejamos destacar que é a Igreja que deve pregar e recrutar toda a parte e não somente o ministro do Evangelho.

A Irmã White define assim este princípio: — «A cada um que se ajunta às fileiras mediante conversão, deve ser designado seu posto de dever. Cada qual deve estar disposto a ser ou a fazer qualquer coisa nessa batalha. É erro fatal supor que a obra da salvação de almas depende só do ministério». (Serviço Cristão pág. 74 e 68).

Como sabemos, temos na acção da Igreja diversos meios de levar o Evangelho ao conhecimento dos outros, meios esses tão variados que ninguém se poderá escusar sob qualquer pretexto.

Começemos pelas actividades de beneficiência que são dos melhores meios para os aproximarmos das almas.

A experiência mostra-nos que muitas vezes a doença, o sofrimento e a tristeza são elementos nas mãos de Deus para tornar os corações receptivos à Sua Palavra.

O Pastor tem um programa muito extenso e ele não pode estar em toda a parte ao mesmo tempo. Daí se segue a necessidade enorme da acção dos leigos.

Quão maravilhoso é ver um membro leigo dirigir-se aos lares, aos hospitais ou prisões, com a Bíblia nas suas mãos, animado do amor às almas e debruçar-se sobre o necessitado, mostrar-lhe a sua simpatia, orar com ele, falar-lhe do amor de Jesus, fazer renascer no coração uma esperança, talvez desde há muito perdida.

Haverá leigos que dirão: Mas não tenho queda para essas visitas, ou, a minha saúde não permite, ou ainda, impressiona-me tanto o sofrimento... Mas será que não poderão cooperar? Lembrem-se das «Dorcas» Irmão ou Irmã, das «dorcas» que por vezes se limitam a receber

de nós o que há lá em casa de mais velhinho e mais roto. Para quando um dom perfeito às Dorcas?

Sabemos que nalgumas Igrejas de há certo tempo a esta parte tem-se dado um bom incremento a um grupo denominado «Dadores de sangue». Como seu próprio nome o indica estes irmãos fazem um belo trabalho de alcance missionário através da beneficiência.

Quanto trabalho ainda a realizar! Já pensou prezado Irmão na possibilidade de oferecer o seu lar para estudos regulares da Escola Sabatina, estudos bíblicos, ou para a pregação da Mensagem através de projecções? Seus vizinhos e amigos talvez não vão à Igreja, eles irão certamente a sua casa, e se o programa for bem preparado eles com certeza não deixarão de voltar.

Que dizer da distribuição de lar em lar de convites para assistir às conferências, para inscrição no Curso Rádio Postal ou de literatura sistemática das «Verdades Eternas»? Não poderia esta bela actividade registar cada vez mais um maior número de leigos ao trabalho?

Encontra-se cada um de nós fiel diante de Deus nos díizimos do Senhor e nas ofertas? Foram essas as participações designadas por Deus para a expansão do Evangelho. Estou eu participando fielmente? Atraindo a bênção de Deus ou a maldição?

Operando com eficiência nesta importante função da Igreja cada membro leigo estará cada vez mais animado na Fé, e auferindo de Deus constantes bênçãos na sua vida.

3) Instruir, formar e educar

O objectivo a ser alcançado por cada um de nós, é, segundo as Escrituras, a medida da estatura de Cristo. Para isso necessitamos duma constante e progressiva instrução e educação as quais muito nos podem auxiliar na formação daquilo em que nos devemos tornar na qualidade de cristãos. A Igreja tem uma obra muito importante a realizar neste campo.

Certos leigos podem prestar o

seu concurso como monitores da Escola Sabatina, preparando a lição convenientemente, estudando-a com amor, com oração e apresentando-a na classe duma maneira clara e fervorosa que satisfaça amplamente as necessidades da classe.

Outros, particularmente os jovens, poderão ter acção, em certos casos mais ou menos definitiva, sobre a educação e instrução da Juventude M. V. As nossas Igrejas necessitam de jovens consagrados, entusiastas, animados a colaborar, a dar o melhor dos seus talentos para o benefício comum.

Ditasas as Igrejas que contam com membros leigos capazes de em qualquer momento e diante de qualquer auditório, sustentados pelo poder de Deus, tomarem a palavra e na ausência do Pregador dirigirem esta ou aquela reunião.

E mais que não possa ser, através do seu testemunho pessoal, o membro leigo, pode e deve, contribuir para a educação dos seus Irmãos na Fé. Por uma vida piedosa, e um coração verdadeiramente consagrado a Deus raios de instrução espiritual podem jorrar na vida da Igreja.

Se cada um de nós tomar consciência da nossa parte a realizar, estaremos preparando um tal estado de coisas na Igreja cujas consequências só Deus pode conhecer.

Bem deixou a serva do Senhor registado: — «O segredo do nosso êxito na obra de Deus encontrar-se-á na operação harmoniosa do nosso povo. Tem de haver uma acção concentrada. Todo o membro do corpo de Cristo tem que fazer a sua parte na causa de Deus segundo a capacidade que Ele lhe deu. Temos que conjugar esforços contra dificuldades e obstáculos, ombro a ombro e unidos pelo coração». (Serv. Cristão pág. 75).

Possam estas palavras, que constituem um verdadeiro apelo, ecoarem fortemente no coração dos nossos crentes para a felicidade pessoal de cada um, e cumprimento da missão da Igreja, e muito especialmente para glória de Nosso Deus Salvador.

José Manuel de Matos

De Lisboa

De 17 a 24 de Março teve lugar, na Igreja de Lisboa, mais uma Semana de Oração dos Missionários Voluntários.

Foi, na realidade uma semana bastante abençoada em que se estudaram problemas de interesse para a Juventude bem como da sua conduta no mundo actual. Todos os assuntos focados se centralizaram

as igrejas, em dois autocarros, bem como em vários automóveis.

Pudemos assim apreciar alguns dos aspectos de natureza, através da viagem que efectuámos à região dos Três Castelos, tendo obedecido ao itinerário seguinte: Lisboa, Caci-lhas, Sesimbra, Arrábida, Setúbal, Palmela, Montijo, Vila Franca e Lisboa.

Em conclusão, podemos afirmar que uma vez mais o Senhor acom-



Os M. V. da Capital durante o passeio

no lema: **VIVER É CRISTO** colocado, bem alto, em letras fluorescentes, por cima da tribuna.

No Sábado, dia 24, realizou-se a cerimónia da reconsagração em que todos os jovens tomaram parte, reafirmando o seu desejo de, dia após dia, mais se aproximarem dos ideais cristãos reunidos na significativa frase: **VIVER É CRISTO**.

Ainda no Sábado, às 21 horas, tivemos a habitual festa dos jovens, pela primeira vez levada a efeito no salão da Juventude, tendo sido repetida na segunda-feira dia 26.

Ambas as sessões despertaram o interesse da assistência, tendo o programa apresentado o fim de mostrar como deve ser a nossa Juventude: alegre, culta e sã.

Para encerrar esta magnífica semana efectuou-se o tradicional passeio em que tivemos como companheiros os jovens da Igreja de Alvalade, de alguns irmãos de ambas

panhou os jovens desta Igreja e, não queremos terminar sem suplicar a Deus que nunca os seus Jovens abandonem as ideias que uma vez abraçaram e que, nesta semana estiveram de novo perante todos nós.

Do Alto Alentejo

«Não rejeiteis pois a vossa confiança que tem grande e avultado galardão. Pois tendes necessidade de perseverança, para que, depois de terdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Pois ainda um pouco de tempo e o que há-de vir, virá e não tardará. Mas o Meu justo viverá da Fé, e se ele há-de vir, virá e não tardará. Mas o nós não somos dos que retrocedem para a perdição mas dos que têm fé para a salvação da alma.»

Tão certo como há um Deus, e a Bíblia é a Sua Palavra reveladora, tão certo é que a Terra, o

NOTÍCIAS

Céu e todo o Firmamento, nos mostram duma maneira inconfundível a certeza do Omnipresente. Poderemos admirar os flamejantes sóis, as fronteiras infinitas do espaço, ou a exactidão cronométrica de todas as coisas celestes sem nos convencermos que Deus vive? Mas é só? Não. Há mais, muito mais! Há frágeis orações atendidas, há claras revelações dos profundos pensamentos da Bíblia, há profecias cumpridas, há Jesus que desceu do Céu para nos mostrar que Deus vive. Porque havemos de então duvidar do que podemos ser quando Deus nos ampara e guia?

O que acima deixamos escrito é um desabafo espontâneo da nossa alma ao bondoso Deus que servimos pela maneira como nos tem amparado nestes últimos dias de crise que assolam o Mundo. Ele bondoso e seguramente nos tem dedicado o Seu carinhoso trato enchendo-nos, cada dia que passa, de força nesta zona Norte de Portalegre e que compreende os lugares de trabalho em R. de Nisa, S. Julião, Santo António e Castelo de Vide. Queremos dizer que este último lugar, Castelo de Vide, foi aberto há pouco tempo, depois do Senhor ter permitido que mil e uma dificuldades fossem vencidas.

Para aqueles que sempre se interessaram em conhecer os resultados dos nossos campos, sem distinção de lugar ou pessoa, para aqueles cujo coração rejubila sempre com as notícias da Obra de Deus, vamos dar-lhes quanto possível, uma ideia dos nossos lugares de trabalho.

Ribeira de Nisa, sem que queiramos depreciar os outros lugares em relação a este, ocupa no nosso coração um lugar de honra. Aqui nascemos, aqui formámos família, aqui vimos nascer a Luz do Evangelho que há 23 anos ilumina a nossa alma e ainda porque durante uma boa década de anos voluntariamente colaborámos no que nos foi possível. Como estamos lembrados daquela tarde tempestuosa

de Fevereiro! Era então Secretário da Divisão o Pastor Beach que se encontrava entre nós. Era ele que me entregava a Direcção da Escola Sabatina da Ribeira de Nisa que acabava de tomar a sua independência e deixava a Igreja mãe de Portalegre. No Sábado seguinte cantávamos o hino 316 para inaugurar a primeira Escola Sabatina de R. de Nisa, Era numa barraca de zinco, forrada com madeira e de piso térreo e sob a influência de uma temperatura gélida. Tudo isto nos vai sempre na alma!

Que diremos do presente? Sentimos muitas dificuldades. A apostasia fez a sua obra e, infelizmente, famílias inteiras abandonaram a Igreja e deixaram assim de reconhecer a autoridade de Deus em suas vidas, em suas famílias e em seus lares. Novos amigos, novas ideias e tudo isto arrasta aqueles que dantes militavam connosco, para uma vida frívola e destrutível. Mas foi aqui, sem dúvida uma certeza de que Deus está esperando, que conseguimos para Jesus, neste pouco espaço de tempo que aqui trabalhamos, o melhor número de almas. Foram apenas 5. É certo que é pouco, indiscutivelmente pouco, mas foi alguma coisa para o Senhor. É dura a tarefa? Sem dúvida. Mas Deus vive e está-nos ajudando segundo o que nós merecemos.

S. Julião, outra zona de trabalho a que dedicamos todo o nosso carinho. Gratas recordações guardamos dos nossos primeiros passos no trabalho de Evangelização. Foi aqui que fizemos a nossa primeira experiência. Como aluno do Colégio que éramos nessa altura, não sabemos como o Senhor nos concedeu 5 almas, ganhas pelos nossos esforços, e que ainda hoje são fiéis membros desta Igreja. Acabamos de baptizar mais 2 e algumas estão estudando connosco os problemas espirituais da sua vida. Ainda ligado a S. Julião, temos o nosso campo de acção em

Santo António onde, por qualquer coisa que só o Senhor conhece não temos tido o nosso esforço coroado de êxito. Apenas 1 alma fez a sua decisão. Há, porém, quem espereite uma melhor ocasião para se entregar a Jesus.

Por último falaremos de Castelo de Vide a velha Sintra Alentejana. Quantas tentativas através dos tempos se fizeram para que este trabalho pudesse ser uma realidade! Agora, irmãos, é uma realidade! Houve que sustentar luta com uma corrente ativa e aparentemente poderosa que buscava por todos os meios que isto não fosse uma realidade. Mas foi uma realidade. Uma Sala aberta ao público em Castelo de Vide! Claro está que o inimigo não podia deter-se em face desta afronta que lhe fazíamos e então mudou de tática. Há ameaças, há despedimento de trabalho, espereite-se quem venha aos Adventistas para serem ameaçados que as Caritas nada farão já em seu proveito e de seus filhos, etc., etc. As velhas e tradicionais teorias das velhas e tradicionais ameaças!...

Mesmo assim, o Senhor arrancou há pouco, do vício da embriaguez e dum hábito de vida perdulária um Jovem de 30 anos que se entregou a Jesus no dia 15 de Setembro. É pena que não possamos descrever pormenorizadamente quem era e quem é esse Jovem rapaz. Só o Evangelho e nada mais senão o poder de Jesus. Parece que este é o único método para vencer os que se nos opõem sem razão. Mais um casal está interessado e se aqui não estamos com grande apoio estamos pelo menos obtendo o melhor: almas para Jesus.

Tudo isto é pouco, indiscutivelmente pouco, mas se isto nos é possível, não é pelos nossos méritos não, pois que nos sentimos muito diminuídos em relação à Sabedoria Divina que é preciso empregar nesta tarefa, mas tudo isto foi porque Deus vive, porque Deus é Omnipresente, porque Deus nos ouve quando confiamos nas Suas Misericórdias, as quais não têm fim e novas são cada manhã.

Orem os de boa vontade pelo nosso trabalho e o Senhor nos recompensará com almas ganhas para Jesus.

O colaborador no Senhor

Filipe Esperancinha

Sociedade dos M. V. de Espinho

Apesar do mau tempo os jovens de Espinho se reuniram corajosamente durante a Semana de Oração dos M. V.

No último sábado, dia 23, tivemos uma boa reunião, no fim da qual o Ir. Pastor Abella fez um fervoroso apelo de consagração ao Senhor e foi com alegria e louvores a Deus que vimos responder ao apelo todos os jovens presentes, testemunhando assim o seu desejo de uma vida mais dedicada ao serviço do Mestre.

Damos muitas graças a Deus por esta boa semana que nos concedeu e humildemente Lhe pedimos que continui a animar a fé bendita e a decisão de fidelidade da nossa Juventude.

Esperamos dentro em breve colher mais alguns frutos nos celeiros do céu, prova de que o Senhor está connosco e por isso estamos alegres!

No dia 22, para dar início ao Santo dia do Senhor, a Ir. Vice-Directora dos M. V. esteve com o nosso simpático e já bastante numeroso grupo de jovens de Viseu. Ali tivemos uma reunião abençoada, na qual sentimos o poder de Deus manifestar-se naqueles jovens corações que estão desabrochando para a vida e para o conhecimento dos caminhos do Senhor. Todos aqueles jovens manifestaram o desejo de guiar as suas vidas de tal forma que possam vir a ser uma bênção para o mundo e para a Causa do Mestre.

Que toda a nossa Juventude possa marchar unida para a vitória final é o nosso maior desejo e a nossa sincera oração.

A Secretária — *Noémia Abella*

Semana de Oração da Juventude

Foi pela graça de Deus, que novamente dedicamos uma semana de oração, à Juventude, com mensagens de grande conforto espiritual.

Como nesta Igreja, motivado por a maioria serem de freguesias dos arredores, não nos foi possível reunir os jovens todos os dias na Igreja, fizemos o possível para que os jovens tivessem alguém que lhes levasse essas mensagens Divinas. O Pastor Cordas, que foi incansável em preparar os jovens para essa semana, e também com a colaboração do jovem Daniel Cordas, foi-nos possível ter dois ou três cultos todos os dias, em casa dos irmãos, onde se reuniam os que estavam mais perto.

Salientamos ainda a ajuda das jovens Maria Joana Medeiros e Isabel Chaves, que se prontificaram a dar-nos a sua colaboração, facilitando mesmo o transporte.

Além de exortações apropriadas para o momento, não poderemos esquecer as ilustrações seguintes:

Um general ao serem-lhe apresentadas algumas companhias que tinham sido acrescentadas ao exército, disse: *Não conheço este: homens.* Passaram em seguida batalhões que tinham combatido sob o seu comando, e desses disse: *Sei que posso confiar nestes homens.*

Passaram depois divisões que o tinham acompanhado em muitas batalhas e o tinham levado à vitória, tinham nos rostos as cicatrizes e as marcas da luta, e desses disse com orgulho: *Nestes sei que posso confiar.* Ele sabia que aqueles dariam a sua vida, se preciso fosse, para que o seu Comandante saísse vitorioso.

A Isaías, foi feito o convite: *A quem enviarei?*

A resposta não se fez demorar, de pronto respondeu: *Eis-me aqui, envia-me a mim.*

Que nós, jovens, possamos atender ao pedido do Senhor, que como o profeta possamos dizer: *Envia-me a mim!* Então o nosso General responderá, *Sei que posso confiar em vós!*

No Sábado 23, último dia desta abençoada semana, a juventude reuniu-se novamente na sala da Juventude da Igreja, numa hora de convívio fraternal, com um programa de concursos, cânticos e recreação espiritual. Assim terminou mais uma semana de oração, na qual a quase totalidade dos jovens de pronto se levantaram ao apeio de consagração, na hora do culto solene, feito pelo Pastor Cordas.

Que esta semana tenha trazido bênçãos aos jovens de todas as Igrejas, são os votos do vosso conservo na obra do Mestre.

António Loureiro Gomes
(Director dos M. V.)

De Angra:

Como já vem sendo costume, de novo este ano se realizou esta festa de despertamento. A leitura das belas e animosas mensagens, esteve a cargo dos jovens, que com toda a sua boa vontade e entusiasmo nos deliciaram dia após dia, culminando no Sábado, 23 num belo culto, no qual se fez veemente apelo, que foi correspondido, vindo à frente todos os jovens que colaboraram e ainda outros que se sentiram compelidos a entregar o seu coração a Jesus. Para eles pedimos a bênção divina assim como a Sua santa paz.

É, porém, confrangedor ver uma minoria na nossa igreja, enquanto lá fora deambulando andam jovens entregues à sua própria concupiscência, e na escuridão da sua ignorância, dando largas à sua maldade, aproveitando a ocasião para nos molestar, nas nossas reuniões enquanto aprendemos mais de Deus e dos seus bons caminhos.

Os nossos irmãos de boa vontade também estiveram connosco diariamente. Que Deus lhes pague pela consolação que nos deram da sua presença. Também nas Lajes os irmãos ali se reuniram. Embora a *Semana de Oração* tenha terminado, nós continuamos a orar e a pedir as vossas orações para que o Espírito Santo tenha piedade deles e de nós e nos conduza à Nova Terra.

Vosso irmão em Jesus.

Adelino Nunes Diogo

O DIA DO ESPÍRITO DE PROFECIA

(Continuação da pág. 3)

igreja à pureza primitiva, mas não podia ter feito tudo. O último movimento, a Igreja Remanescente é que receberia novamente o Espírito de Profecia para iluminar o Mundo com a Verdade divina.

E foi assim que Deus suscitou a sua Mensageira a quem confiou o encargo de proclamar as grandes Verdades Eternas. Quando ainda não havia mais que uns cinquenta adventistas, foi mostrado numa visão à Irmã White que, quando a Tríplice Mensagem de Apocalipse 14 fosse proclamada fielmente, juntamente com os Mandamentos de Deus e a fé de Jesus, muitos haveriam de atender a esta proclamação e abraçar a Mensagem, levando-a aos confins da Terra. Para vemos como se cumpriu esta profecia, basta abrímos os olhos e contemplarmos como a Igreja Adventista se tem espalhado por toda a parte, com a graça de Deus.

Recordando, mais uma vez, o DIA DO ESPÍRITO DE PROFECIA temos obrigação de procurarmos conhecer melhor as Obras da Irmã White, mediante as quais Deus também nos fala. Repetimos o que já tantas vezes se tem dito: As Obras da Irmã White não constituem nenhum aditamento à Palavra de Deus. Destinam-se a favorecer-nos a sua boa leitura, o seu correcto entendimento, porque, até as mais elementares verdades — tão claras e tão explícitas na Bíblia — haviam sido esquecidas ou alteradas. Não está lá bem escrito e definido: Lembra-te do dia de Sábado?... e que aconteceu, durante tantos e tantos séculos? E que está ainda acontecendo?

Façamos o propósito de adquirir as obras que pudermos do Espírito de Profecia, com as quais também poderemos presentear os nossos amigos, quando os quisermos obsequiar.

Que Deus nos conceda o bom desejo de sempre estudarmos e meditarmos as Sagradas Escrituras, assim como os belos livros também inspirados por Deus que constituem o Espírito de Profecia.

O PODER DA ORAÇÃO

Quão difícil se tornaria tratar num simples artigo de tudo o que nos sugere o temo «Poder da Oração»?! Seria como pretender de uma só vez esgotar uma mina imensa contendo tesouro inesgotável.

A oração tem sido, foi e será sempre a fonte viva donde o homem receberá o poder e a força divina para transpor todos os obstáculos, vencer todas as batalhas e abalar pelos alicerces as forças do erro, do pecado e do mal.

Pouco antes de deixar os seus discípulos Jesus deu-lhes esta certeza: «Na verdade na verdade vos digo que aquele que crê em mim também fará as obras que eu faço... e tudo quanto pedirdes em meu nome eu o farei» S. João 14:12-13.

A Vida do nosso salvador testifica do poder da oração. Na vida de Jesus poderemos afirmá-lo, ela ocupou sempre o primeiro plano. Acerca d'Ele está escrito: «Tendo-se levantado alta madrugada saiu para um lugar deserto e ali orava», «naqueles dias subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus».

O ministério de Cristo foi o produto de uma vida intensa de comunhão com o Pai, foi o poder dessa comunhão que curou os doentes, ressuscitou os mortos e converteu pecadores.

Os grandes homens de Deus foram todos homens de oração. «A oração era para eles o que foi para Paulo: um empenho e esforço sincero de alma; o que era para Jacob: uma luta e vitória; o que era para Cristo: grande clamor e lágrimas: Eles «oraram com toda a oração e súplica no Espírito e vigiando

nisto com toda a perseverança». «A oração eficiente e fervorosa tem sido a arma mais poderosa dos, soldados mais poderosos de Deus».

«Nenhum homem pode realizar uma obra perdurável e grande se não for um homem de oração. Nenhum homem pode ser um homem de oração sem que dê muito tempo à oração.» (Poder Através da Oração E. M. Bounds).

Ao estudarmos as biografias de homens como John Welch, Lutero, João Wesley, David Brainerd, Hudson Taylor e outros cuja palavra e ministério receberam a força e o selo da aprovação divina, constataremos que todo o seu poder era o fruto de longas horas de oração.

Os apóstolos não só «perseveraram em toda a oração e súplicas» mas podemos notar como insistentemente pediam as orações dos crentes, «orando também juntamente por nós para que Deus nos abra a porta da Palavra, a fim de falarmos do ministério de Cristo... para que o manifeste como me convém falar».

Na história da Igreja de Cristo encontramos bastos exemplos de homens que foram poderosos para o reino de Deus através da oração.

E nós que diremos? Acaso já experimentamos o Seu poder em nossas vidas? Certamente que o Senhor nos tem ouvido algumas vezes, que aqui e acolá vemos o resultado das nossas orações, mas... façamos a nós mesmos certas perguntas:

Porque não estão cheias de santos as nossas Igrejas? Porque faltam obreiros para a seara, porque perecem as multidões à míngua do «Pão que desceu do céu?» Porque é a

nossa vida tantas vezes destituída de valor espiritual? Porque se mostram infrutíferos os nossos esforços para trazer almas ao redil do Bom Pastor? Porque tantas vezes desfalecemos ante a imensidade da obra e a exiguidade de meios? Uma só é a resposta: Porque não oramos, porque não sabemos orar e não tomamos tempo para buscar poder através da oração!

«Mais tempo e mais horas matutinas para a oração actuariam para reavivar e revigorar a vida espiritual de muitos. Mais tempo e horas matutinas em oração se manifestariam em um viver santo. Uma vida santa não seria uma coisa tão rara e tão difícil se as nossas devoções não fossem tão curtas e tão apressadas».

«Orar é a maior coisa que podemos fazer e para fazê-la bem deve haver quietude, tempo e deliberação; de outro modo degrada-se até o nível das coisas mais pequenas e insignificantes» Idem.

Precisamos aprender de novo o valor da oração. Necessitamos constatar o seu poder em nós mesmos. Devemos tomar tempo para fazê-lo e, nada há que tome mais tempo para aprender-se. A oração ocasional e apressada trará o gérmen da morte espiritual.

E ao sentirmos a nossa pequenez e insuficiência cheguemos a Jesus pedindo: «Senhor, ensina-nos a orar». Ouçamos a Sua voz aprendamos Seus ensinamentos, deixemo-nos guiar pela Sua Palavra e serão coroados de êxito os nossos esforços e a nossa vida testemunhará do maravilhoso poder da oração.

Rita Daniela

Há tempos, as notícias que nos chegavam da Argélia diziam que as condições eram bastante duras em várias partes daquele país.

Acabo de regressar de longa viagem através da Argélia, cujas fronteiras ao norte, são constituídas pelo belo azul do Mediterrâneo, a Leste, pela Tunísia e a Oeste por Marrocos. Para o Sul, estende-se o vasto deserto do Saara. A Argélia é uma terra fascinante. A minha viagem coincidiu com a data do famoso jejum do Ramadão. Trata-se de todo um mês de jejum, que os Árabes observam com muito rigor, mesmo as crianças. Acompanhado do Irmão Pichot, nosso presidente, entrei num armazém onde vi um jovem e uma jovem árabes. Pareciam pobres e esfomeados e também necessitavam de roupas. Dirigi-me para junto deles e ofereci um chocolate a cada um. Os seus olhos brilharam de contentamento, agradeceram e disseram que o comeriam, à noite, depois do pôr do Sol. A pequena deu o dela ao irmão que guardou os dois chocolates cuidadosamente, pois não iam já comê-los para não quebrarem o jejum.

Sérios acontecimentos se têm desenrolado, na Argélia, como se sabe, e são necessárias muitas toneladas de víveres para combater a fome que ali se tem desenvolvido como consequência das alterações políticas efectuadas.

Quando cheguei ao aeroporto, em Argel, pareceu-me à primeira vista que nada havia mudado. O aeroporto é grande, moderno e bem equipado; por toda a parte notei os aviões da «Air France» ou da sua subsidiária «Air Algérie». Contudo, um olhar mais atento, através das janelas do pesado edifício mostrou uma alteração definida. No mastro da bandeira, no topo, já não flutua a bandeira «tricolor» francesa, mas uma grande bandeira verde-branca com uma meia-lua vermelha e uma estrela no centro. É a bandeira que durante sete anos e meio foi o símbolo da Revolução Argelina e, agora, é a bandeira nacional da jovem República.

A Argélia está passando, presen-

temente, por uma terrível crise financeira. Há milhões de desempregados. Como consequência da saída de muitos Europeus, os recursos do país diminuíram bastante. Nove décimos de Europeus saíram, pelo que o trabalho encontra-se, aqui e acolá, paralisado. Há muita gente na Argélia com fome, arriscando-se a morrer à míngua, se não receber socorros de fora.

Várias agências de socorros estão trabalhando activamente para ajudar as zonas mais afectadas pela fome. É com satisfação que vos comunico, prezados Irmãos e Irmãs, que a organização de socorros da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Certo dia, um árabe que procurava trabalho dirigiu-se ao nosso centro médico, em Argel. Compadecido pela miséria daquele homem, o director do nosso centro deu-lhe trabalho, e disse-lhe que estivesse lá, às 7 e 30, no dia seguinte. O árabe no dia seguinte apresentou-se às seis horas, e o filho do Irmão Pichot perguntou-lhe por que tinha ido tão cedo. O homem respondeu que tinha de sair muito cedo de casa, porque não podia estar lá, porque não podia ouvir os filhinhos a pedir-lhe de comer, quando ele não tinha nada para lhes dar.

Não é triste que estas coisas

A República mais nova no Norte de África

Pastor B. J. Kohler

Tesoureiro da Divisão Sul-Europeia

está a trabalhar diligentemente para socorrer os esfomeados argelinos. Dinheiro, alimentos e grandes quantidades de roupas têm chegado à Argélia, procedentes dos nossos depósitos de beneficência na América, Suíça, Áustria, Itália, França, Dinamarca e Noruega. Os nossos Irmãos argelinos já têm distribuído muitas roupas, milhares de cobertores e toneladas de alimentos.

Como nos devemos sentir alegres sabendo que a Conferência Geral, a Divisão e os nossos Irmãos e Irmãs da União Suíça, da União Franco-Belga, das Uniões Austríaca e Italiana têm contribuído com avultadas somas de dinheiro, com muitas roupas e alimentos.

Os nossos Irmãos da Dinamarca enviaram um camião carregado de víveres e roupas; enquanto eu estava no Norte de África, os nossos Irmãos argelinos receberam uma carta do Irmão Wollan, da Noruega, na qual dizia que os Irmãos noruegueses tinham recolhido 40 toneladas de roupas, que iam ser enviadas para os necessitados argelinos.

aconteçam em pleno século vinte? Há quem morra por comer excessivamente, mas também há quem morre de fome.

Pela graça de Deus temos podido angariar apreciáveis fundos para auxiliar aqueles pobres maometanos no Norte de África. Este trabalho de amor e caridade deve continuar. É necessário enviarmos mais fundos e mais coisas para os pobres maometanos argelinos.

No próximo dia 11 de Maio deste ano, vamos levantar uma oferta especial para o Fundo de Beneficência. Saibamos corresponder, generosamente ao apelo que o Senhor nos dirige, neste momento. As nossas ofertas destinam-se a socorrer milhares e milhares de esfomeados, que se encontram em graves necessidades. São almas famintas que estão aguardando as nossas ofertas.

Que o Senhor vos abençoe, prezados Irmãos e Irmãs nos vossos bons propósitos e nas generosas ofertas com que contribuireis para aliviar tanta miséria.